

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais
FAFICH - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Ciência Política - Programa de Mestrado
Disciplina: Metodologia
Professor: Edgar Fontes de Magalhães
Aluno: Marco Aurélio Chaves Cepik

DIALÉTICA MARXISTA E METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS:
COMENTÁRIO SOBRE A MATRIZ FILOSÓFICA DE UM HIATO PERSISTENTE.

Belo Horizonte, 18 de fevereiro de 1992

"As relações entre o erro e o conhecimento correto são ainda demasiado obscuras para que se possa pretender regulá-las com autoridade; sem dúvida, são necessários aos homens longos encaminhamentos através de hipóteses, erros e tentativas da imaginação para chegar a extrair daí conhecimentos mais exatos, em parte provisórios: pois existem poucas exatidões definitivas. Isso significa que a liberdade de pensamento parece-me ser um dos valores mais essenciais."

Victor Serge- Memórias de um Revolucionário(1942)

I - INTRODUÇÃO

1) No capítulo sobre dialética do livro de Jon Elster, Marx Hoje, encontra-se uma "enfática" rejeição desta enquanto fundamento metodológico de uma abordagem marxista das Ciências Sociais. Segundo Elster, a dialética consiste na combinação de três elementos: 1)Holismo metodológico; 2)Explicação de tipo funcional; 3)Dedutivismo derivado da lógica de Hegel. Resultando daí um obscurantismo filosófico intransponível: "Conjunto de idéias vagas e sugestivas, a dialética não oferece ferramentas científicas analiticamente afiadas" ELSTER (1989:50)

2) Em certo sentido, esta é uma convicção bastante generalizada atualmente. E Talvez este comentário seja apenas uma amostra do que se acabou de ilustrar com a citação de Elster, pois mantém-se num plano estritamente abstrato e conceitual. No entanto, mais do que a importância operacional das categorias metodológicas, o ponto de partida adotado tematiza a dimensão ontológica da dialética com vistas a ex-

trair daí premissas adequadas ao exame da dialética como método científico.

3) Naturalmente, deve-se ter em conta o "horizonte problemático" em que se move este debate epistemológico, uma vez que a profunda crise do marxismo (prática, teórica e filosófica) implicou também na dissolução de qualquer unidade sistemática, ideológica e/ou teórica.

4) Por um lado, a crise paradigmática do marxismo priva o próprio termo de qualquer sentido, mesmo descritivo, pois só é possível falar agora de marxismos. A multiplicidade de abordagens torna-se um fenómeno predominante em relação às grandes ortodoxias, sem que nenhuma destas "leituras" da dialética possa reivindicar "direitos de primogenitura" em relação a uma inexistente unidade originária.

5) Por outro lado, a ~~dissolução da~~ unidade sistemática de Filosofia e Ciência, que vigorou hegemonicamente até então, na medida em que não é mais pressuposta e deve ser construída, coloca o problema do método dialético em termos de aspiração "a uma integração filosoficamente inspirada, mas, ao mesmo tempo, cientificamente operacional. KALLSCHEUER (1990:37).

6) Esta situação, dentre outros aspectos¹, foi influenciada pelo grande desenvolvimento das ciências sociais nos últimos 30 ou 40 anos; tanto no que diz respeito aos resultados ricos e diversificados de uma série de programas de pesquisa, quanto em relação à crescente sofisticação teórico-metodológica. Esta nova composição do saber colocou em discussão a pretensão da dialética a um "conhecimento da totalidade", contribuindo decisivamente para a emergência do pluralismo e da ênfase metateórica, caracterizados por Kallscheuer².

¹HOBSBAWM, E. J. O marxismo hoje: Um balanço aberto. In: _____ (org.) História do Marxismo v. 11. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 1989. p.p. 13-66.

²KALLSCHEUER, Otto. Marxismo e Teorias do Conhecimento. In: HOBSBAWM, E. J. (org.) História do Marxismo v. 12. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 1989. p.p. 13-101.

7) Nas seções que seguem serão apresentados alguns aspectos ontológicos e gnoseológicos da problemática dialética, entendida como filosofia da práxis. E, fazendo às vezes de conclusão, o "holismo metodológico" denunciado por Elster como decorrendo da referência à totalidade será brevemente considerado em três registros: 1) No História e Consciência de Classe do Lukács dos anos 20, expressão do chamado marxismo hegeliano. 2) Nas metacríticas filosóficas de Adorno à ciência social empírica, quando do debate com Karl Popper no início dos anos 60. 3) No Dialética do Concreto de Karel Kosik, onde a categoria de totalidade concreta alcança grande sofisticação epistemológica; num contexto de crítica ao "Diamat" no Leste Europeu.

8) Em princípio, o objetivo destas notas é articular um juízo provisório a respeito de uma dupla lacuna: "De modo geral, o marxismo antinaturalista ocidental, de Lukács a Sartre, mostrou-se pouco interessado pela estrutura ontológica ou pela confirmação empírica" DICIONARIO DO PENSAMENTO MARXISTA(1988:379).

II - DIALÉTICA COMO ONTOLOGIA ABERTA : A FILOSOFIA DA PRAXIS

A dialética envolve três sentidos diferentes³, referindo-se ao ser (ontologia), ao pensamento (epistemologia) e à relação entre ambos (história).

Aceitando o pressuposto materialista de que o ser e a matéria são anteriores e irreduzíveis à consciência e ao pensamento, é preciso considerar que estes não se derivam diretamente daqueles, mas são produzidos na e através da vida histórica e social.

Esta relação - em que a matéria é ontologicamente anterior ao pensamento, a atividade prática na história é logicamente anterior à plena consciência, e esta por sua vez é tanto lógica como ontologicamente superior à matéria - adquire inteligibilidade e abertura ontocriativa com o conceito de práxis.

A práxis constitui o núcleo axiológico da ontologia dialética, permitindo diferencia-la tanto da ontologia idealista de Hegel quanto da ontologia naturalista. Por um lado, não se trata mais de uma dialética do conceito, que faz mediação através da história para reconhecer-se como Razão no interior da Idéia, realizando o caminho da Liberdade (Hegel). Por outro lado, a este monismo complexo da idéia não basta contrapor um monismo processual da matéria⁴, como a conhecida metáfora da inversão do sistema hegeliano pode sugerir.

A noção de práxis permite apanhar a unidade e as oposições existentes entre a dialética da natureza⁵ e a dialética histórica, isto

³Cf. verbete dialética do Dicionário do Pensamento Marxista.

⁴GENRO, Adelmo F. Introdução à Crítica do Dogmatismo. In: Revista Teoria & Política no 1. São Paulo, 1980.

⁵Sobre a situação atual do debate sobre a dialética da natureza, ver: CARDOSO, Ciro F. O Materialismo Dialético: Ataques, Defesas e Perspectivas. In: _____, Ensaio Racionalistas. Rio de Janeiro, Campus, 1988. p.p. 01-24.

é, entre a identidade originária do mundo, que forma o substrato natural dos homens e suas sociedades, e a ruptura ocasionada pelo surgimento da consciência e da subjetividade. Não se trata, é claro, de considerar o sujeito como epifenômeno mais ou menos complexo da matéria, mas desde já introduzir a mediação histórico-social na qual as relações de ruptura e unidade (contradições) entre ser e consciência são o motor do ciclo global da práxis.

Nesta altura é preciso destacar, mesmo de passagem, que a noção de práxis designa aqui uma concepção sobre o ser e suas propriedades que se pretende mais complexa do que suas versões "reduzidas", seja como trabalho ou pragma.

A apropriação prática e teórica do mundo histórico e natural envolve uma dialética cujos pressupostos, além de objetividade e da necessidade, têm de abarcar também a subjetividade e a liberdade. A práxis é a essência humana concebida como plasticidade onto-criativa. Em outras palavras, a referência ao núcleo ontológico da dialética permite a explicitação das premissas de uma concepção sobre o homem como ser que constrói sua própria essência e só a ela está submetido.

Mas esta referência à unidade e permanência do ser, à existência de uma substância para além da infinita distinção dos fenômenos, se faz no próprio fluxo e na diversidade. A fricção entre ser e consciência é inesgotável e, ao mesmo tempo em que afirma a inteligibilidade radical como potencialmente plena, obriga as premissas filosóficas a uma humildade também radical, pois o eterno fluxo e a infinita distinção dos fenômenos exigem pressupostos abertos e recorrentes.

No entanto, este dualismo ontológico onde subjetividade e objetividade, identidade e diversidade, natureza e história, ser e consciência, se "repõem mútua e constantemente num patamar cada vez mais

elevado" GENRO Fg (1986:35), não esgota práxis, pois nos diz pouco sobre sua dialética relacional.

Numa definição bastante apriorística⁶, podemos considerar a práxis como a unidade de três elementos distintos, que não constituem realidades separadas e, sendo um todo único, só pode ter suas partes consideradas isoladamente para fins de exposição. Trata-se de uma concepção sobre o ser em que a descrição de suas propriedades corresponde à lógica de seu desenvolvimento. Assim, considerando a premissa materialista adotada anteriormente, pode-se dizer que a práxis é:

1) Realidade Humanizada, que corresponde ao atributo humano da construção dos meios, bem como a capacidade de imprimir uma lógica às coisas a partir da consciência, sendo sempre excedido pelo que cria. Por meios se entende aqui, tanto o conjunto das forças produtivas⁷ e as relações sociais, quanto as formas de pensamento. O conceito de trabalho enfim, como ponto de partida do ser, mas também desde já a propriedade de excedência dos meios em relação aos fins arbitrados pela consciência.

2) Consciência, entendida como a propriedade mais importante do ser e nexa dinâmico da práxis⁸; cujo processo de constituição implica a possibilidade de uma expansão indefinida, quantitativa e qualitativa, do papel da subjetividade na história. A complexificação da consciência em suas variadas formas e determinações, como filosofia, ciência, ideologia, arte, tecnologia e técnica, altera a própria composição orgânica da práxis, como discutiu Adelmo Genro Fg⁹. Por envolver intencionalidade e conhecimento, a consciência tornou possível

⁶Todas as hipóteses substantivas desenvolvidas nos itens II e III são de autoria de Adelmo Genro Fg ou, no caso da noção sobre as propriedades do ser e dos níveis de provisoriedade da verdade, de José Miguel Martins. Alterações ligeiras na forma foram introduzidas e é necessário isentar os autores de eventuais equívocos na reprodução de suas opiniões.

⁷CARDOSO, Ciro F. As Forças Produtivas e a Dinâmica da História. In: _____. Op. cit. nota 5.

⁸GENRO, Adelmo Fg. Teoria e Revolução. In: Revista Teoria & Política no 8. São Paulo, 1987. p.p. 32-53.

⁹Idem ibidem, p. 52

ao homem qualificar a violência contida na natureza, constituindo-se no momento separatório em relação à unidade do mundo natural. Ao fazê-lo, tornou efetiva a criação de uma realidade especificamente humana e social.

3) Violência, que é a propriedade ontológica do violar per~~petuo~~ de legalidades naturais e sociais¹⁰. É próprio da essência humana violentar o mundo, interferir na ordem das coisas, apropriar-se e emprestar sua marca aquilo que, por si mesmo, nada significa para o homem. O uso humano da força natural, ao sujeitar a natureza a uma legalidade humana, é constitutiva da práxis. Mas, na medida em que a sociedade, para exercer sua práxis, é obrigada a media-se constantemente através de si mesma, o trânsito das práticas sociais que violam/qualificam a natureza implica na violação e determinação de uma legalidade social. A violência é a dimensão da práxis que impede a dialética relacional entre ser e consciência de alcançar um equilíbrio pleno, desautorizando toda concepção finalística da História.

O ponto de inflexão, a partir do qual esta tematização ontológica incide mais diretamente na discussão sobre as pretensões de cientificidade de uma epistemologia dialético é o conceito de verdade, que daí pode ser extraído. Grosso modo, trata-se não só de uma teoria processual com ênfase na intersubjetividade, baseada na dupla convicção: 1) De que a inteligência radical a respeito do mundo é potencialmente plena. 2) De que, dada a abertura ontológica da práxis, este saber afirmativo e sistemático é inesgotável.

Trata-se também de uma consequência gnoseocrítica que é possibilitada por esta provisoriedade quantitativa e qualitativa da verdade. A abertura e recorrência dos pressupostos filosóficos, exigida pela

¹⁰ Para uma discussão do conceito de Violência neste contexto, ver: GENRO, Adelmo Fo. Considerações Preliminares sobre Violência, Política, Poder e Estado. Florianópolis, UFSC, 1985.

noção de práxis adotada, torna viável uma versão da dialética em ruptura com a lógica sutil do dogmatismo, seja ele naturalista ou idealista: a idéia de que a redução do ser a um monismo complexo fornece um princípio a partir do qual o fundamento da verdade pode ser capturado, bastando então desenvolvê-lo no sentido de sua potência.

III - DIALÉTICA COMO MÉTODO: ASPECTOS GERAIS

Partindo das premissas ontológicas da filosofia de práxis, a dialética envolve também uma dimensão lógica, como método e teoria do conhecimento. Um problema preliminar consiste na verificação de um método que não é conformado por leis ou mesmo regras formais, e sim por procedimentos que não se pretendem mais do que momentos dinâmicos do movimento de apropriação teórica do mundo. Além disso, há que considerar os elementos científicos extrínsecos à teoria do conhecimento da dialética, que tornam toda reflexão epistemológica conseqüente trans-marxista¹¹.

De todo modo, há traços gerais da problemática gnoseológica da dialética que põem demandas específicas ao esforço cognitivo:

1) O conhecimento que se pretende dialético procura a "coisa em si" dos seus objetos; sua substância e o movimento que constitui sua existência estratificada, diferenciada e concreta. Neste sentido, afirma a possibilidade plena do conhecimento e reconhece a práxis como critério da verdade; bem como o "caráter socialmente produzido - e portanto historicamente relativo (mas não axiologicamente relati-

¹¹STRADA, Vittorio. *Marxismo e Pós-Marxismo*. In: *Idem Ibidem* nota 1. p.p. 101-131.

vista) desse conhecimento" DICIONARIO DO PENSAMENTO MARXISTA (1988:403)

2) Há na dialética a suposição de uma inter-conexão universal e estrutural dos fenômenos; a realidade é percebida como totalidade concreta, como algo que se auto-produz e é dotado de certa estrutura interna. Este complexo historicamente constituído existe "nas e através das mediações e transições múltiplas pelos quais suas partes específicas ou complexas (...) estão relacionadas entre si, numa série de inter-relações e determinações recíprocas que variam constantemente e se modificam" IDEM (p.381).

3) A dialética implica dois esforços cognitivos simultâneos, opostos e complementares: Um esforço analítico de diferenciação "da espessa solidez do real empírico" e um esforço sintético para, através da "supressão do dado imediato", reconstruir o real empírico "pela mediação da estrutura conceptual"¹². O método pretende ser analítico e sintético a um só tempo. E como o objeto não é imediatamente cognoscível ao sujeito, embora lhe seja dado imediatamente em forma sensível - experiência, opinião ou representação - o percurso lógico que pretende conhecer cientificamente o concreto (como totalidade determinada) inicia seu caminho de reconstrução "mediante o uso de conceitos ou categorias que são simples e abstratos, determinantes ainda que indeterminados"¹³. A seguir, a lógica de concreção (onde o método de investigação não é dado e o método de exposição é em si explicitação) destas categorias, num diálogo permanentemente crítico entre evidências e hipóteses, permite a reconstrução do objeto como um todo de pensamento. Neste tópico, encontra-se uma ampla polêmica

¹²VAZ, Henrique C. L. Sobre as Fontes Filosóficas do Pensamento de Karl Marx. In: CHASIN, J. (org) Marx Hoje. São Paulo, Ensaio, 1987. p.p. 161-175.

¹³LABATISTA, Jaime. O Objeto da História. In: Idem Ibidem nota 1. p.p. 177-193

acerca das versões da dialética, com inflexões científicistas ou historicistas por um aspecto, e racionalistas ou empiristas por outro¹⁴

4)A dialética nega o "princípio de identidade", ao afirmar que a realidade é aquilo que é e ao mesmo tempo seu outro. Esta alteridade da mesmice é contraditória, manifestando-se nos processos de diferenciação interna que a realidade contém em seu desenvolvimento.

5)A "lei" das transformações da quantidade em qualidade e vice-versa na verdade consiste na dialética relacional entre acúmulo e superação, evolução e revolução, continuidade e ruptura, etc. As duas categorias se apresentam, assim, como dois momentos de um mesmo movimento.

6)As contradições dialéticas, envolvendo os temas da "unidade dos contrários" e da "negação determinada", são consideradas a estrutura mesma da totalidade e as fontes de energia para sua transformação. Além disso, segundo o DICIONÁRIO DO PENSAMENTO MARXISTA, o conceito designa: 1)Inconsistências internas, lógicas ou anomalias teóricas, nos discursos. 2)Oposições extra-discursivas, de origens independentes e cujos efeitos tendem a se anular mutuamente. 3)Contradições dialéticas históricas ou temporais. 4)Contradições dialéticas estruturais ou sistêmicas. (p. 80).

7) As contradições e o movimento conduzem à superação (Aufhebung), e não ao desaparecimento completo daquilo que deixa de existir. O novo não é arbitrário nem casual em sentido absoluto, pois mantém um nexos com o que está em vias de desaparecer. Em certa medida, o conhecimento pode apanhar conceitualmene estes desdobramentos se consegue compreender o desenvolvimento anterior e as contradições

¹⁴Cf. O verbete Ciência do Dicionário do Pensamento Marxista, citado na bibliografia.

atuais da totalidade do fenômeno. No entanto, sempre "há algo de surpresa real, inesperado, que nunca pode ser previsto e compreendido inteiramente antes de aparecer". O novo não é substância dinamizada, mas algo efetivamente distinto do já existente. Este tópico relaciona-se com a provisoriedade da verdade, posto que, se o mundo fosse compreendido essencialmente como substância dinamizada (para não considerar as concepções de uma estática universal, hoje em desuso), uma filosofia ou sistema de ciências positivas dotados de genialidade poderiam apreender, de uma vez por todas, a realidade em todos os seus desdobramentos.

IV - HIATO EPISTEMOLOGICO: COMENTARIO PRELIMINAR

Avaliadas desde uma perspectiva como a de Jon Elster, as noções expostas nos itens anteriores seriam, já descontados os defeitos de redação e as confusões semânticas e conceituais, "exageradas, falsas ou ininteligíveis". ELSTER (1989:35). Não ignoro a distância e a defasagem desta abordagem em relação aos debates metodológicos atuais da teoria social, em especial no caso do chamado "marxismo da escolha racional" ou da obra de Jürgen Habermas. No entanto, nos limites deste texto, o itinerário será mantido internamente ao problema proposto.

E aí permanecem débeis os resultados, pois é evidente que há um hiato epistemológico entre as premissas filosóficas e os procedimentos metodológicos.

Tais premissas consistem, grosso modo, numa reconstrução de sentido, anti-dogmática, a respeito do estatuto e do papel da filosofia para uma abordagem da dialética que se pretende voltada para a trans-

cendência dos marxismos. Ao contrário das tendências hegemônicas na tradição marxista, que em geral ofereceram uma definição heterônoma (dependente das ciências positivas) e um papel não constitutivo da essência do ser a respeito da filosofia, a reconstrução apontada reivindicou justamente a autonomia e o papel decisivo da consciência na práxis. Em conexão com isto houve o esforço de extrair as conseqüências ontológicas que o conceito de práxis sugere e engendra.

No entanto, as implicações propriamente metodológicas mantiveram-se no plano abstrato-conceitual do processo cognitivo, relativas à recorrência, fluidificação e consistência das categorias e conceitos. Para além desta discussão sobre as possibilidades de uma explicação categorialmente adequada, há que se colocar o problema científico dos controles empíricos das teorias. Sem isto, as hipóteses, teses e sistemas de conhecimentos permanecem fechados em si mesmos, impotentes para desdobrarem-se em programas de pesquisa empiricamente abertos.

Neste ponto crucial permanece a lacuna a respeito da possibilidade desta versão da dialética oferecer uma fundamentação epistemológica da filosofia em conexão com as ciências positivas. Obviamente, avançar algo mais substantivo em relação a isto é impossível neste momento, embora esta parte final tenha a pretensão de sugerir um diagnóstico e indicar uma via de investigação¹⁵

IV.1 - CONTROLE METODICO DAS EXPLICAÇÕES

O problema permanece, mesmo que se defina uma concepção de ciência consistente com o marco teórico adotado (o que será esboçado

¹⁵Além dos autores considerados, seus prolongamentos contemporâneos, bastante reformulados, devem ser analisados: A obra de Habermas posterior à Conhecimento e Interesse; os desdobramentos da Escola de Budapeste após a morte de Lukács, bem como os pólos antitéticos representados pelo racionalismo de Bachelard/Althusser e o empirismo de Della Volpe. Os esforços neo-kantianos desde o Austromarxismo até a obra de Lúcio Colletti. Bem como o chamado "Marxismo da Escolha Racional".

logo abaixo), pois se trataria ainda de uma pretensão de cientificidade auto-referenciada (apodítica). Isto porque tal esforço de clarificação envolve uma dupla recorrência: quanto ao contexto de origem (filosofia) e quanto ao contexto de aplicação (pesquisa).

Em relação a este é que se encontra a tarefa de explicitação dos níveis de controle - empírico, lógico e contextual, como condição de possibilidade e procedimento de validação¹⁶ dos conhecimentos científicos. Apenas uma resposta satisfatória neste terreno poderia viabilizar uma operacionalidade metodológica da dialética sem recair na dupla armadilha do cientificismo e do historicismo.

Na perspectiva proposta, embora se reivindique um papel autônomo e constitutivo para a filosofia no âmbito da práxis (como conhecimento e intencionalidade), não se lhe reconhece um "poder arbitral" em relação às ciências e à ideologia. A ciência é reconhecida como um saber afirmativo, sistemático, metodicamente consolidado e provisório.

A provisoriedade do conhecimento, como exigência epistemológica, decorre da articulação lógico-metodológica do princípio verdade-potência.¹⁷

Isto significa, por um lado, conceber como dogmática toda pretensão de verdade que "suprime de forma expressa/tácita a mediação humana como fator fundante na construção do Real (verdade)" MARTINS (1988)- provisoriedade qualitativa.

Por outro lado, implica no reconhecimento de que a ciência constitui uma das modalidades do conhecimento, jamais esgotando em si a multilateralidade das formas de pensamento através das quais o homem

¹⁶Sobre a compatibilidade disto com o princípio da "falsificabilidade" de Popper, cf. os verbetes citados com a parte final do ensaio de Kallscheuer.

¹⁷GENRO, Adelmo Fg. A filosofia marxista e o legado dos Hereges. In: _____ Filosofia e Práxis Revolucionária. São Paulo, Brasil Debates, 1988.

apreende o mundo; Estes são formais (lógica e matemática), experimentais (ciências operatórias), nomológicos (generalizações dos fenômenos naturais e humanos), pragmáticos (cotidianeidade e casualidades), valorativos (estética, ética e pedagogia), intelectuais (sociologia, filologia, etc.), míticos, religiosos, etc. Todos operando como princípios dinâmicos da organização e reorganização da estrutura interna e dos desenvolvimentos do conhecimento - provisoriedade quantitativa.

IV.2 - CONCEPÇÃO PROCESSUAL DA VERDADE

Significa também (a provisoriedade do conhecimento) uma certa hierarquização dos níveis de provisoriedade da verdade¹⁸:

1) Provisoriiedade intuitiva ou apriorística:

Corresponde ao conhecimento intuitivo/opinativo, que se apoia em evidências empíricas mínimas e não está articulado necessariamente a um sistema de conhecimentos objetivos. Este nível de provisoriedade comporta no máximo conceitos definicionais (taxonomias), e não categorias controladas metodologicamente (recorrentes ao contexto lógico-sistemático e empírico.)

2) Provisoriiedade sistêmica ou categorial:

Corresponde às construções teóricas capazes de articularem hipóteses complexas sobre objetos concebidos como sistemas de relações estruturadas. Neste nível, a verdade provisória se utiliza mais de recursos de confirmação e refutação do que de prognósticos.

3) Provisoriiedade ontológica ou paradigmática:

¹⁸Em Gramsci também há uma teoria processual da verdade, mas sua curva assintótica, paradoxalmente, deixa de tender ao infinito quando o Comunismo revela a verdade...

Corresponde à própria abertura ontológica da práxis, à recorrência das premissas científicas e dos pressupostos filosóficos. Dada a impossibilidade da identificação plena do sujeito e objeto, de um equilíbrio permanente do ser, ou do Fim da História - as três figuras da dialética: epistemológica, ontológica e relacional - a verdade se apresenta neste nível como um "movimento aberto em ângulo crescente" MARTINS (1988).

V - TRES VERTENTES CONTEMPORANEAS

Isto posto, parece que a causa fundamental do hiato detectado corresponde a uma desconfiança em relação à ciência, herdada do marxismo crítico anti-naturalista que foi a principal fonte de inspiração da versão aqui apresentada da Filosofia da Práxis.

Como foi destacado, esta reconstrução de sentido da dialética procurou extrair as conseqüências ontológicas da centralidade axiológica do conceito de práxis, tarefa sempre negligenciada pelos marxistas e que acarretou a dogmatização recorrente de seus empreendimentos teóricos e históricos, dogmatismo este que radica-se na ultrapassagem precária realizada por Marx em relação ao absoluto Hegeliano. Neste sentido, pode-se descrevê-la (a "reconstrução") como um movimento de crítica e superação face às incrustações dogmáticas presentes até mesmo na obra dos "hereges"¹⁹. Naquele balanço, ao se enfatizar as soluções insatisfatórias a respeito do problema ontológico, talvez se tenha inconscientemente aderido à identificação de ciência e positivismo, subjacente aos desdobramentos gnoseocríticos daquelas variantes do marxismo.

¹⁹Op. cit. nota 16

Assim, à crítica ontológica anti-dogmática deveria seguir-se uma avaliação epistemológica, cujas indicações abaixo servem para apontar uma via possível de futuras investigações, pois exemplificam matrizes prováveis daquela desconfiança em relação à ciência:

1) Georg Lukács: A ciência como forma de reificação.

Genericamente, em História e Consciência de Classe (1923) há uma ontologia idealista e uma epistemologia racionalista. No primeiro termo está implicada a noção de que o proletariado é o sujeito e o objeto da história, sendo esta a realização deste monismo. Este historicismo "hegeliano" ampara-se num conceito de totalidade "expressivo" e teleológico. No sentido de que cada momento expressa a dominação e a determinação do todo sobre as partes; e de que o presente só "é inteligível em relação ao futuro - de identidade realizada - que antecipa" DICIONARIO DO PENSAMENTO MARXISTA (1988:378).

E é o conceito de totalidade que se apresenta para Lukács como centralidade metodológica e critério da verdade, como se pode notar nesta passagem conhecida, reproduzida por I. Mészáros: "(...)a totalidade do objeto pode ser postulada apenas quando o sujeito postulante é em si uma totalidade". E, ao criticar o "ponto de vista individual da teoria burguesa", insiste (Lukács) em que "não é o predomínio dos motivos econômicas na interpretação da sociedade que constitui a diferença decisiva entre o marxismo e a ciência burguesa, mas sim o ponto de vista da totalidade" IDEM(p. 382)

Certamente, o criticável neste conceito de totalidade (mantido por Lukács mesmo na Ontologia do Ser Social) não é o anti-naturalismo ou a recusa da teoria do reflexo aí implicados, mas o idealismo epistemológica e o relativismo de julgamento decorrentes da imanência da consciência comunista no proletariado. Os condicionantes objetivos da

realidade humanizada são subestimados por uma filosofia da história auto-suficiente e totalizadora. A partir dela, as ciências naturais passam a ser identificadas com sua representação positivista ou neopositivista, sendo concebidas como expressão da "visão fragmentada e reificada da burguesia, criando um mundo de fatos puros, segregados em várias esferas parciais e sem relação qualquer com totalidades significativas" IDEM(p. 377). Pode-se dizer que, em Lukács, uma visão unitária do mundo é conseguida às custas da redução do ser à consciência (neste período dos anos 20).

2)Theodor W. Adorno: Ciência como agente de dominação.

No debate com Karl Popper em 1961 ("positivismusstreit"), as metacríticas filosóficas de Adorno à ciência social empírica demonstram o estágio das transformações operadas no conceito de totalidade desde os anos 30.

Habermas, dentre outros, destacou o paralelismo entre a "consciência de classe" Lukácsiana e a "razão emancipatória" de Horkheimer, ambas referidas ao problema Weberiano do "invólucro de dominação" derivado do racionalismo Ocidental.

No entanto, desde o início os "frankfurtianos" desconectaram as implicações mútuas entre totalidade e teoria da revolução, remetendo esta a um atributo individual, desistoricizado e normativo ("Sollen"). Por outro lado, a cisão entre razão teórica e razão prática foi tomando cada vez maior relevo, com duas consequências para nosso problema:

o contraste entre razão técnico-instrumental e razão crítico-emancipatória permitiu à Adorno "isolar a tendência endêmica da primeira Filosofia, de reduzir um, de um par de contrários irreduzíveis, ao outro (por exemplo, no marxismo de Engels, a consciência ao ser;

no marxismo de Lukács, o ser à consciência)" DICIONARIO DO PENSAMENTO MARXISTA (1988:379).

Mas, ao argumentar contra "qualquer tentativa de basear o pensamento em fundamentos com pressupostos e a favor da imanência de toda crítica" IDEM(p. 379), Adorno abandona o projeto original de uma ciência social inter-disciplinar filosoficamente integrada. E o faz em nome da crítica filosófica à "falsa totalidade" representada pelo moderno desenvolvimento da ciência e das forças produtivas, tanto no Ocidente capitalista quanto no "Socialismo Real". O pessimismo da filosofia da história subjacente à esta teoria crítica e a negatividade de sua dialética provocam aquela excessiva "atividade de julgamento" referida por Kallscheuer em relação ao debate de 1961.

Segundo este autor, a "recusa de Adorno em entrar no mérito de uma crítica imanente das concepções científicas analíticas - insuficientemente justificada por uma suspeita global de ideologia em relação à "máquina infernal" da lógica formal e da garantia do controle empírico das hipóteses mediante regras metodológicas - literalmente arruinou sob o ponto de vista metodológico, a geração subsequente de marxistas alemães-ocidentais" KALLSCHEUER (1989:81).

Ao opor uma concepção dialética romântica e negativa da totalidade ao modelo dedutivo-nomológico das ciências analíticas, a crítica da dominação é cada vez mais "imunizada" filosoficamente em relação a dimensão prático-social da práxis e à natureza.

3)Karel Kosik: A ciência como hermeneuticamente inadequada ao mundo humano.

A Dialética do Concreto (1963) insere-se no contexto do humanismo marxista dos anos 50 e 60, na Europa Ocidental (H. Lefebvre, E. Fromm, Sartre, Thompson, etc.) e no Leste (L. Kolakowski, A. Schaff, K. Kosik, Escola de Budapeste, o grupo iugoslavo Práxis, etc.).

O livro de Kosik permanece uma importante referência e ponto de partida por três motivos:

a) O reconhecimento de que toda teoria do conhecimento pressupõe uma ontologia. Ou seja, uma resposta satisfatória à pergunta "Como posso conhecer a realidade?", só é possível com a resposta a outra pergunta, que a precede e fundamenta: "O que é realidade?". Esta resposta põe o problema da unidade do mundo, e Kosik a responde em polémica com Popper, afirmando sua "unidade indivisível de entidades e significados". Ou seja, com referência ao conceito de totalidade concreta; que não admite um princípio explicativo que reduza a realidade a algo diverso de que ela é (lei geral, essência, princípio abstrato, etc.), explicando-a com base em seu desenvolvimento. Segundo Kosik, a dialética não considera a realidade como a totalidade dos fenômenos, e sim, realça sua unidade estruturada; Popper, ao contrário, consideraria a realidade como a totalidade dos fatos, portanto, "mediante o acrescentamento infinito dos fenômenos, ela é incognoscível em 'si mesma' ". Em função disto é que Popper considera toda pretensão de conhecer a totalidade como uma mística.

b) A totalidade concreta aqui "não tem nada em comum com a totalidade holística, organicista ou neo-romântica, que hipostasia o todo antes das partes e efetua a mitologização do todo" KOSIK (1976:50). A reprodução espiritual e intelectual da realidade, na qual se baseia o método dialético, só é possível se não reduzimos a totalidade concreta à banalidade do "tudo está em conexão com tudo", mantendo sua tridimensionalidade (todo-parte, casualidade-necessidade, essência-aparência).

c) Kosik quer uma metodologia capaz de evitar os excessos do formalismo matemático e da ontologia metafísica, reconhecendo desde o

início a falta de homogeneidade e correspondência entre a estrutura do real e a estrutura lógica, aceitando a verdade como uma interpretação aproximativa em níveis diferentes. "Exatamente porque o caminho da verdade é um "détour" - "Der Weg der Wahrheit ist Um Weg" - o homem pode perder-se no meio do caminho" IDEM (p. 30)

Não obstante, juntamente com os demais humanistas, Kosik considera a práxis como "atividade prática objetiva do homem histórico" IDEM (p. 32). E esta ênfase na historicidade, como premissa ontológica e ideal normativo, autoriza uma crítica semelhante à que Adelmo Genro Fg endereçou à Bloch, que teria pretendido "espiritualizar a objetividade, ou seja, penetrá-la de subjetividade humana desde suas premissas ontológicas" GENRO Fg (1988:22).

Assim, "espiritualizada", a realidade humanizada não se frustra os conclusões científico, considerado por Kosik como adequado apenas ao mundo natural.

VI - NOTA FINAL

Para concluir, cito uma vez mais o Dicionário do Pensamento Marxista, certo de que o trecho ilustra o tipo de equívoco e lacuna que seria desejável sanar:

"A todas essas três escolas é comum uma concepção equivocada de ciência como necessariamente positivista e uma ênfase na prática humana, às expensas da eficácia transcendente, na dimensão transitiva e na intransitiva respectivamente, levando ao idealismo epistemológico, ao relativismo axiológico, ao voluntarismo prático e/ou ao pessimismo histórico" (p. 59).

VII - BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor W. y otros. La Disputa del Positivismo en la Sociologia Alemana. Barcelona, Ediciones Grijalbo, 1973.
- BORNHEIM, Gerd A. . Dialética: Teoria e Práxis. Porto Alegre, Globo, 1983. 2ª edição.
- BOTTOMORE, Tom (editor). Dicionário do Pensamento Marxista. Rio de Janeiro, Zahar, (1983) 1988. 2ª edição.
.Ciência p.p. 58-59; Contradição p.p. 79-80; Dialética p.p.101-107; Empiricismo p.p.124-125; Realismo p.p.312-313; Teoria do conhecimento p.p.374-381; Totalidade p.p.381-382.
- ELSTER, Jon. Marx Hoje. São Paulo, Paz e Terra. 1989.
- GENRO, Adelmo Fo. Marxismo Filosofia Profana. Porto Alegre, Tchê!, 1986.
- KALLSCHEUER, Otto. Marxismo e Teorias do conhecimento. In :
HOBSBAWM, Eric J.(org.) História do Marxismo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989, v.12, p.p.13-101.
- KOSIK, Karel. Dialética do Concreto. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976. 3ª edição.
- VAZQUEZ, Adolfo Sánchez. Filosofia da Práxis. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. 2ª edição.
- LUKACS, G. História e Consciência de Classe. Porto, Escorpião, 1989. 2ª edição.
- LUKACS, G. Sociologia. São Paulo, Atica, 1981. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Volume 10. Organizado e comentado por José Paulo Netto.

-FROMM, Erich(org.). Humanismo Socialista. Lisboa. Ed.70, 1976.

Principalmente os textos de Lucien Goldman, Mihailo Markóvic, H. Marcuse, Umberto Cerroni, K. Kosik, G. Petróvic e Ernst Bloch.

-SOCHOR, Lubomir. Lukács e Korsch: a discussão filosófica nos anos 20. In: HOBBSAWM, Eric. J.(org.) História do Marxismo. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1987. Volume IX. p.p.13-75.

APÊNDICE: AVALIAÇÃO ACADÊMICA

Cepik,

Iniciei a leitura de seu trabalho com grande curiosidade e simpatia: a tarefa que você se propôs é hercúlea. Parabéns por isto. Mas o desenvolvimento do trabalho me mostrou que você tinha razão ao expressar o temor inicial de não ser capaz de ir além do nível abstrato. (e, eu acrescentaria, por vezes fechado em si mesmo num duplo sentido: tautológico e esotérico).

Estas partes, num resumo que não faz justiça ao seu esforço, reafirmam noções - ricas em inspiração porém já conhecidas - sobre práxis e dialética, enfatizando aspectos dinâmicos, vitais e auto-criativos. Aqui o problema é conhecido: ambos foram aprisionados pelos partidos que pretendiam melhor transformar a filosofia da práxis em ação criadora. Este problema fica evitado o se adotar uma postura definicional e essencial: "práxis é a essência humana concebida como plasticidade onto-criativa." (p. 5). E a dialética é subordinada à práxis: é a própria dialética que "reconhece a práxis como critério da verdade" (p. 8). Como esta visão privilegiada da práxis como essência humana com conteúdo definido (ação-criação) pode ser articulada com o privilégio explicativo da matéria continua sendo para mim um mistério (embora você tenha tratado do problema.) (p. 4) a não ser que atribua à própria matéria um conteúdo auto-criativo. Penso que Marx pensava isto mesmo: o desenvolvimento da história seria, ele próprio auto-criativo, libertário. A liberdade humana - a práxis - seria então reconhecer a necessidade histórica e atualizá-la. O que fazer com esta bela e circular visão de mundo? Certamente ela inspira uma luta contra qualquer visão de "fim da história" ou reificação sob qualquer verniz. mas penso que ela impede, em última análise, uma ciência que lhe seja desvinculada: por exemplo, como pensar que alienação não seja uma condição permanente do ser humano e não algo a ser superado?

Pode-se afirmar que qualquer problema científico reflete uma visão de mundo: a questão é como um procedimento científico pode questionar uma (qualquer) visão de mundo, até mesmo a que lhe deu origem?

O privilégio da visão ontológica persiste na discussão da parte IV. Penso que é esta subordinação da ciência à uma visão ontológica que causa a "desconfiança em relação à ciência:(p. 14). O ponto substantivamente mais difícil da sua empreitada. O de superar o "hiato epistemológico" resulta em reafirmar traços como estabelecer a autonomia da ciência face a filosofia, manter provisoriamente, anti-dogmatismo e pluralismo de conhecimento. E o mesmo privilégio permanece em Kosik: "Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classe de fatos, conjuntos de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido."(p. 35)

Ora, como selecionar os fatos que podem dos que não podem ser racionalmente compreendidos a não ser de acordo com uma visão (prévia) do que é racional?

Fiz comentário envolvendo um discussão substantiva do problema que você se propôs. A minha avaliação crítica sobre a sua empreitada não deve influenciar no seu ânimo. Certamente não influencia a nota que sou obrigado a atribuir. deste ponto de vista, o trabalho revela uma capacidade reflexiva superior, expressa principalmente nas partes IV e V.

Prof. Edgar Pontes de Magalhães.